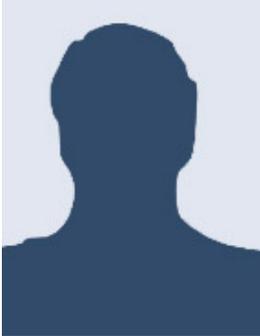


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**Nunes, Eduardo Alexandre Borges** (Vinhais, 1924 - Lisboa, 2008)

Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre 1958 e 1994, Eduardo Borges Nunes deixou obra historiográfica sobre a sociedade, cultura e mentalidade do Quatrocentos português e europeu, mas foi como historiador da escrita, sobretudo em português, perito paleógrafo e editor de textos que mais sobressaiu.

Nasceu em Setembro de 1924 em Vilar Seco da Lomba, no concelho transmontano de Vinhais. De menino e rapaz novo guardava boas recordações dos passeios por montes e vales, durante as férias, no intervalo dos estudos de filosofia, teologia e humanidades, feitos em Braga e com a Companhia de Jesus. Muitos anos depois, invectivado por colega queixoso da sua “teimosia de aldeão”, em final de reunião académica onde mais uma vez dera provas da proverbial determinação inabalável das suas decisões, respondeu: “Aldeão com muito orgulho. Cidadão, também me apraz. Vilão, não.”

Aliava ao sólido conhecimento das culturas e civilizações clássicas, ancorado num domínio invulgar do latim, nas suas subtilezas clássicas, medievais e renascentistas, aptidões como desenhador e organista, talento musical conhecido de poucos. Em finais da década de 1950, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde concluíra os estudos superiores, convidou-o a integrar o seu corpo docente, através de Virgínia Rau, que igualmente o desafiou a escolher tema para a futura dissertação de doutoramento. Exemplo da formação caldeada entre o seminário e a faculdade, “Paulo Orósio e a irrupção bárbara”, trabalho apresentado em Braga, na ocasião do XIII Centenário de São Frutuoso (1968), ilustra a sua mais antiga predilecção temática pelos clássicos.

Decidiu centrar o seu doutoramento na cronologia quatrocentista, época talhada à sua preferência pelos ressurgimentos culturais de cunho clássico. O gosto pela época da Expansão e Descobrimientos cedo se revelara – “O parecer do Infante D. João sobre a ida a Tânger” (Brotéria, 1958). Integrandoo Centro de Estudos Arqueológicos, com direcção de tese de Manuel Heleno, passou dois anos como bolseiro em Florença, Roma e Vaticano, entre 1960 e 1962, época feliz de caminhos cruzados com amigos que ficariam para a vida, em especial Manuel Mendes Atanázio e Ruy de Albuquerque.

Em 1963, saía publicada a sua dissertação de doutoramento em História, intitulada Dom Frey Gomez, abade de Florença (1420-1440) (1963). A documentação e bibliografia coligidas para a investigação de doutoramento, sobretudo a primeira (ele que não concebia trabalho científico sem primeiro “enfarinhar as



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mãos” nas fontes), mergulharam-no a fundo no agitado mundo clerical da península itálica, posterior a Constança-Basileia, sobretudo nos temas da reforma da Igreja, imersão que explicaria o seu interesse reforçado pelo reinado de D. Duarte e pelas figuras do rei Eloquente e do seu irmão D. Pedro, patrono do Abade Gomes. Trabalhos como “Nótulas de história do século XV português” (Do Tempo e da História, 1965), “Guerra Santa – Santa ‘Pirataria’” (Brotéria, Vol. XC [1970]), “Política hospitalar de D. Duarte. Achegas Vaticanas” (1973) e “Parecer do Doutor ‘Velasco di Portogallo’ sobre o Beneplácito Régio (Florença, 1454)” (Do Tempo e da História, II, 1968) espelham o muito que colheu e, mais tarde, foi amadurecendo e publicando.

Este último trabalho marcava a primeira publicação com Martim de Albuquerque, amigo feito na vida universitária, juntamente com o irmão, Ruy de Albuquerque. À amizade pelos irmãos juntava-se a do pai, Mário de Albuquerque, docente na Faculdade de Letras, apoio inestimável na Faculdade aquando do doutoramento e, mais tarde, incentivando-o no novo percurso iniciado em 1964 ao assumir na escola o ensino da Paleografia, sua agulha e norte a partir de então e para sempre. Saído já depois da sua morte, ocorrida em Novembro de 2008, o último texto publicado por Eduardo Borges Nunes, foi precisamente um artigo para o livro em homenagem de Mário de Albuquerque, “Algumas amostras da minha Paleografia” (Estudos em memória do Professor Doutor Mário de Albuquerque, Lisboa, 2009).

Aí nos relata o começo da sua aventura paleográfica: “Foi em 20 de Novembro de 1964, na Faculdade de Letras, que a Professora Virgínia Rau me propôs a cadeira de Paleografia.” Terreno que não mais deixaria, abrindo na sua escola uma área científica inexistente na universidade portuguesa – já que, como na generalidade do ensino superior em Portugal, a Paleografia e a Diplomática (esta pouco praticada, mas muito encorajada) eram vistas como mero auxiliar ao serviço dos apêndices documentais de teses, ou da publicação de fontes – esta escassa e, como sempre avisava, por regra de fraco nível.

Entre 1964 e 1969, a sua actividade, combinando investigação e trabalho pedagógico na nova área confiada à sua responsabilidade, centrou-se na publicação do Álbum de Paleografia Portuguesa, edição do Centro de História da Universidade de Lisboa, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura. Reproduzindo quase duas centenas de documentos, essencialmente dos séculos XIV a XVII, o Álbum caracterizava-se por atributos distintos: documentos sempre reproduzidos à escala e com elevadíssima qualidade técnica por si supervisionada de perto (e que ainda hoje merece admiração), sumários diplomáticos exemplares, diversidade de tipos diplomáticos (dominando os notariais e a documentação de chancelaria), transcrições sem falha e, último mas não menos importante, quebra do ciclo vicioso da vinculação da Paleografia à Idade Média, época que, como costumava dizer, nem sequer era a mais necessitada de bons paleógrafos. Só o acantonamento mental reinante, ontem como hoje, explica que o Álbum não seja a base de aprendizagem generalizada da paleografia portuguesa, pela qualidade à parte. Na Introdução ao Álbum, enquadramento exemplar do trabalho, lida e relida pelos seus discípulos, directos e indirectos, refere os nomes dos alunos que, com a sua exigência, mais o motivaram – grupo grande, a desmentir a ligeireza crítica de alguns que, confundindo com irrelevância a reserva própria de quem é incapaz de fazer cedências



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

à popularidade, o acusaram de monotonia no ensino. Confirmando o velho adágio de que contra factos não há argumentos, aí estão a sua obra, sempre citada, sempre relevante, os discípulos que deixou e a escola que fez, a desmentirem quem nunca o leu e não soube colher os seus ensinamentos de exigência e perfeccionismo, sem cedências às pressões do momento – e que impunha em primeiro lugar a si mesmo.

Não descurou a recensão crítica, exclusivamente de obras de edição de textos, realçando-se “Observações à última edição do ‘Livro de Cozinha’ da Infanta D. Maria” [1968] (editado por Giacinto Manuppella e Salvador Dias Arnaut, 1967), “Jacques Stiennon, Paléographie du Moyen Age, Paris, A. Colin, 1973” [1973] e, já na última fase do seu trabalho, “Há ler e ler. 1. «Amtonio camelo a fez» (Brotéria, 1993 - crítica ao Álbum de Paleografia de João José Alves Dias, A.H. de Oliveira Marques e Teresa F. Rodrigues, 1987).

De 1973 data “Varia Palaeographica. Maiora ac minora” (Portugaliae Historica, 1ª Série), onde se publicam, além da recensão crítica ao livro de Stiennon já referida, dois dos mais importantes textos da “Paleografia de Borges Nunes”, disciplina que entendia ora como história da escrita centrada nas tendências gráficas, ora como análise minuciosa do caso gráfico de cada indivíduo ou documento. No primeiro, O Conceito Novo de Paleografia, lemos uma breve história comentada da Paleografia como ciência, salientando os autores da sua eleição – entre os vivos, o francês Jean Mallon e o italiano Giorgio Cencetti; no segundo, História Portuguesa do Cifrão, traça a evolução do cifrão na documentação portuguesa, alardeando as suas capacidades interpretativas de paleógrafo de topo. Ainda inédito, um texto apresentado em 1974 à Faculdade para as suas derradeiras provas académicas, somente defendidas em 1979, constitui, juntamente com a História do Cifrão, a outra peça decisiva da “sua paleografia” – Um exercício de metodologia para a história da escrita em Portugal: as origens da letra numeral b (=5).

Ainda em 1979, perto do final do período sem serviço docente distribuído na Faculdade de Letras (1974-1981), foi professor da licenciatura em Ciências Históricas da Universidade Livre de Lisboa e segundo director do respectivo departamento entre 1984 e 1985. Entre 1985 e 1988, foi o primeiro Director do Departamento de História da Universidade Lusíada, recém-criada por professores saídos da Universidade Livre, acompanhados por outros colegas.

Data também de 1979 a primeira versão do seu dicionário Abreviaturas Paleográficas Portuguesas, composto a pensar, como sempre, nos seus alunos. Ferramenta de trabalho imprescindível para qualquer investigador que esquadrinhe a documentação em português, o dicionário divide-se em duas grandes secções. Na parte I, a que chamou Gramática, explana a sua interpretação do sistema abreviativo do português medieval e moderno. Na parte II, o Dicionário propriamente dito, as abreviaturas colhidas são agrupadas em quatro blocos, intitulados “Sinais”, “Nomes Comuns”, “Nomes Próprios” e “Números”. Por exigência natural sua, já que o concebera a uma escala bastante maior, Borges Nunes qualificou-o como “brevíssimo”. Desse dicionário seria feita uma edição posterior, de grande tiragem, com a sua autorização e por iniciativa de António Justino Ribeiro. A obra, texto e abreviaturas, foi totalmente escrita à mão pelo autor, revelando assim outra faceta igualmente conhecida por pouca gente: o domínio exímio da pena e do



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

pincel, como desenhador e artista da escrita.

Na qualidade de editor de textos, quase uma inerência para o professor de Paleografia e Diplomática, deixou obra de monta. De um lado, os textos de circunstância, satisfazendo as solicitações próprias de um perito em leitura paleográfica: em colaboração, com Virgínia Rau (Carta de D. Manuel I ao rei de Aragão, Fernando, sobre a tomada de Goa, 1968; Inventário post-mortem del-rei D. Pedro II, 1969), ou Martim de Albuquerque (Regimento quatrocentista da Casa da Suplicação, 1982) ou inteiramente seus, A reconciliação de Abraão Cohen, incursão na documentação inquisitorial (*Portugaliae Historica*, 1974) e Comentário diplomático e paleográfico à bula «Manifestis Probatum» (Academia das Ciências de Lisboa, 1981). De outro, as edições de tomo, destacam-se a edição crítica de A tragédia da Rua das Flores, de Eça de Queirós (Livros do Brasil, 1981), ocasião para imprimir o seu rigor crítico a um texto de um dos maiores da literatura portuguesa contemporânea, bem fora das suas habituais cronologias de intervenção, e a edição das Ordenações d'el-rei Dom Duarte (Fundação Calouste Gulbenkian, 1988), como responsável pela fixação do texto e em colaboração com Martim de Albuquerque. No capítulo da edição de textos, refiram-se ainda a História da vida, milagres e canonização do bem-aventurado S. Hyacintho da Ordem dos Pregadores, de Pedro de Mariz (Centro de Estudos Históricos, 1965) e as notas introdutórias à edição, por Mário Júlio de Almeida e Costa, das Ordenações Afonsinas (Fundação Calouste Gulbenkian, 1984), projecto relativamente ao qual chegou a acalantar esperanças de uma transcrição completa do texto, nunca concretizada. Martim Martins, primeiro tabelião de Guimarães (Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, 1981), estudo pioneiro sobre os notários como agentes da escrita, abria amplo caminho para outros trabalhos, dentro e fora da sua escola.

Em 1985 fundou na Faculdade de Letras de Lisboa o Mestrado em Paleografia e Diplomática, com seminários de pós-graduação em Paleografia Portuguesa, Diplomática, Linguística Portuguesa Histórica e Codicologia. O curso funcionaria até 1994, reabrindo em 2003 sob a direcção de B. Sá-Nogueira e com as colaborações de Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem, bem como da sua discípula Susana Tavares Pedro, doutorada em 2008.

Borges Nunes participou nas reuniões preparatórias da fundação da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, em 1985, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, colaborando com Luís Adão da Fonseca e José Mattoso. Depois de 1989, a sua intervenção na vida do Departamento de História e da Faculdade, intensa nos anos de 1983-1988, começou a diminuir.

Em 1992, a morte extemporânea do seu colega Manuel Mendes Atanázio, uma das raras amizades feitas na vida académica, juntamente com os irmãos Albuquerque, deixou-o abalado e desiludido. Reservou os seus últimos dois anos de actividade a acompanhar, com a minúcia e cuidado postos nas orientações, as últimas teses do “seu” mestrado. A obra científica prosseguia-a, principalmente na revista “Brotéria”, com trabalhos de peritagem paleográfica sobre temas colombinos – “Mais uma assinatura falsa de Cristóvão Colombo” e “Uma leitura mais ‘verdadeira’ do criptograma colombino” (Brotéria, Out-Nov, 1993).

Em 1994 a jubilação marcou o afastamento completo e definitivo da vida académica, só interrompido

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

para, na qualidade de orientador científico, participar em júris de mestrado até Dezembro de 1996. Em Novembro de 1996, ainda aceitara integrar os júris de doutoramento dos seus discípulos António Ribeiro Guerra e Bernardo de Sá Nogueira. Foram os derradeiros passos na Academia.

**Bibliografia activa:** *Dom Frey Gomez*, Braga, Ed. Autor, 1963; *Álbum de Paleografia Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos Históricos, 1969; “O conceito novo de Paleografia”, in *Portugaliae Historica*, Vol. I, Lisboa, 1973; “História portuguesa do cifrão”, In *Portugaliae Historica*, Vol. I, Lisboa, 1973; “Martim Martins, primeiro tabelião de Guimarães”, in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Actas*, Vol. IV, Guimarães, 1981, pp. 25-30; *Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1981; *Ordenações del-rei Dom Duarte* (co-editor com Martim de Albuquerque) Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988; *Há ler e ler. 1 - «Amtonio camelo o fez»*, Lisboa, 1993 [S. *Brotéria*, 136 (1993)]; *Há ler e ler. 2 – Mais uma assinatura falsa de Cristóvão Colombo; 3 – Uma leitura mais «verdadeira» do criptograma colombino*, Lisboa, 1993 [S. *Brotéria*, 137 (1993), pp. 313-321]; “Algumas amostras da minha Paleografia”, in *Estudos em Memória do Professor Doutor Mário de Albuquerque*, Lisboa, FLUL – Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 2009, pp. 307-218 [edição póstuma].

Bernardo de Sá Nogueira



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP** BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA